

Crise do Euro: Gestores alertam para dificuldades no ajuste fiscal dos países da região e possibilidade de contágio na economia mundial.

Solução na Europa está longe e mercado teme piora

Por Alessandra Bellotto e Antonio Perez, de São Paulo

19/05/2010

Texto: A- A+



Compartilhar

Gustavo Lourenção/Valor



Roseli Machado, da Fator Administração de Recursos: apesar das quedas recentes, bolsa ainda não é uma pechincha

Quem vê a queda da bolsa para a casa dos 60 mil pontos como uma oportunidade de comprar "barato" pode acabar se frustrando. A percepção dos gestores de recursos é de que o mercado ainda vai piorar, e muito. Basta ver a velocidade com que o pacote de ajuda à Grécia perdeu credibilidade, aponta um gestor de fundos que preferiu não ser identificado. A grande questão, na visão desse profissional, é que não há muito o que ser feito pelas autoridades para reverter essa sensação de desconfiança.

A crise das dívidas soberanas na Europa deve manter os investidores longe de ativos de risco, o que inclui a bolsa brasileira, acredita Roseli Machado, responsável pela Fator Administração de Recursos (FAR). "No curto prazo, a perspectiva é negativa e, apesar das quedas dos últimos dias, ainda não dá para ver nenhuma pechincha na bolsa", alerta.

Ibovespa

Índice hora a hora - em pontos - 18/05/10



Fonte: BM&FBovespa e Valor Data.

O investidor estrangeiro está muito assustado, e é ele quem comanda essa queda da bolsa, afirma um gestor de fundos. No mês, até dia 14, o saldo de estrangeiros está negativo em R\$ 1,264 bilhão na Bovespa. Por mais que o Brasil esteja em uma situação confortável, com as empresas mostrando resultados robustos, não há como o país não ser contagiado pelo fluxo de saída. Para esse gestor, a bolsa pode testar os 50 mil pontos. "Nem começamos a ver um desmonte de posições de risco", destaca. Ele lembra que o mercado vai abrigar duas grandes operações de venda. "As ofertas de Petrobras e Banco do Brasil vão sair, independente do preço", afirma.

Para Roseli, da FAR, os problemas na Europa podem afetar o crescimento global, atrasando a recuperação da economia americana e diminuindo o ritmo de crescimento chinês. "A Europa é muito grande para estar isolada, e a queda das commodities já mostra que está havendo uma reavaliação das estimativas", afirma. "A bolsa já vinha meio de lado com as notícias de aperto monetário na China, e acabou piorando com a aversão ao risco por causa da Europa".

Na visão do sócio da Fram Capital Henry Gonzalez, o Brasil vai se ajustar ao mundo pior. "Não é preciso um cenário tão dramático assim para que o país seja afetado, basta que as commodities caiam", diz. Até porque, para Gonzalez, os níveis de preços dos ativos, apesar das quedas acentuadas nas últimas semanas, ainda não são atraentes para o alto risco de deterioração do ambiente global.

Trocando em miúdos, o potencial de alta da bolsa brasileira continua pequeno. Mais que isso. Para Gonzalez, o atual nível é paradoxalmente mais confortável que o de três meses atrás, uma vez que tende a refletir melhor os riscos. No curto prazo, no entanto, o sócio da Fram acredita que é possível haver períodos de pequenas melhoras, em reação a medidas de intervenção governamental, mas nada estrutural. "O mundo está em um processo de desalavancagem, que vai levar tempo e não se sabe se há fluxo de caixa suficiente para honrar o alto endividamento", diz.

A volatilidade extremada deve dar o tom dos mercados nos próximos dias, afirma Roseli, da FAR, já que o mercado vê com ceticismo o sucesso do pacote de socorro à Grécia alinhavado em conjunto pela União Europeia e o Fundo Monetário Internacional (FMI). A reticência da Alemanha em oferecer auxílio financeiro aos gregos e a indefinição do Banco Central Europeu (BCE) acabaram minando a credibilidade das autoridades da região, explica.

"A queda aguda do euro mostra que não há confiança e isso só será revertido se a Europa partir para uma união fiscal, com liderança da Alemanha, já que os países sozinhos não são capazes de pagar as dívidas", afirma.

Outro grande temor é que a crise, que em princípio é soberana, termine bancária. Uma das possibilidades é um estresse do sistema bancário europeu, afirma Gonzalez, da Fram. "Se eu fosse um rico grego preferia mandar dinheiro para fora, mesmo com as garantias dadas pelo banco central", afirma. "Num processo de desalavancagem, se o setor privado não aguenta, por que achar que o público vai aguentar?", questiona.

Por enquanto, a crise na Europa não tem potencial para provocar estragos da mesma magnitude que os observados em 2008. Desta vez, os investidores ao redor do mundo já estavam com um pé atrás em relação aos ativos de risco, destacam os gestores.